

Eleição Presidencial Sem estrutura, Ciro luta para aparecer

Candidato do PPS viaja o país com Roberto Freire tentando ser alternativa

Mônica Gugliano

• PETROLINA (PE). O partido é pequeno e a estrutura quase nenhuma. Mas, indiferentes às condições precárias para uma campanha presidencial, o candidato Ciro Gomes e o presidente do PPS, senador Roberto Freire (PE), estão na estrada. As viagens por capitais e cidades médias poderiam até ser comparadas às caravanas da cidadania do petista Luiz Inácio Lula da Silva na campanha de 1994. A diferença é que a caravana de Ciro Gomes é de dois. Sem assessores, sem equipe precursora, sem jatinho e sem ninguém para carregar a mala. E, embora as platéias tenham sido generosas, para o ex-ministro Ciro Gomes, acostumado ao status dos cargos no Executivo e a ser tratado com a, benemerência que se destina aos ocupantes do poder, a peregrinação tem sido um exercício de humildade.

— Ando numa asa dura. Não tenho jatinho para viajar nem nada. Só quero pedir uma chance de mostrar minhas idéias e me fazer conhecer. Se não mereço seu voto, peço apenas uma chance para apresentar minhas idéias — costuma dizer Ciro aos eleitores.

De acordo com pesquisas, ele é conhecido por 26% dos eleitores e os percentuais dos que votariam nele oscilam de 7% a 10%. Por isso, a necessidade de torná-lo conhecido é imperiosa. E evidente, em diversas situações:

— Como me refiro a ele? “Seu” Ciro? — perguntou Wanda, apresentadora do “Bom Dia Petrolina”.

— “Seu” Ciro não. Chama de doutor. “Seu” fica parecendo o bodegueiro da esquina — respondeu o auxiliar da TV Grande Rio.

Meta de Ciro Gomes é visitar 150 cidades até junho

A peregrinação começou em janeiro. Desde então, Ciro e Freire visitaram 94 cidades e a meta é chegar a 150 até junho. Não há quase programas de rua e, por enquanto, eles marcam eventos em auditórios e têm conversas com pequenos empresários e movimentos organizados. A rotina é semelhante em todos os roteiros. Os dois sozinhos e auxiliados apenas pelos militantes do partido, que emprestam o carro ou agendam os compromissos.

— Às vezes sou humilhado. Fui ao Rio Grande do Sul, por exemplo, e no dia em que cheguei foi publicada uma pesquisa em que, lá, eu perdia para o Enéas. Me senti muito mal. Foi triste..

A hospedagem fica por conta do partido na cidade visitada. As passagens aéreas são pagas pelo partido ou por entidades que o convidam. Aí, o negócio é bom para todos. Ciro cobra R\$ 5 mil por palestra, ganha a passagem e os dirigentes do PPS da região agendam outros compromissos para aproveitar a viagem.

Com refeições, os custos são

mínimos. Primeiro porque Ciro e Freire emendam um compromisso no outro, raramente sobra tempo para almoçar e o jantar se resume a um sanduíche no quarto do hotel. Segundo porque, quando há almoço ou jantar, eles participam como convidados. Na segunda-feira à noite, Ciro deleitou-se com dois pratos de galinha ao molho pardo, macarrão e arroz. De quebra, levou o apoio e o voto do anfitrião, o empresário Paulo Coelho, um dos caciques políticos da região de Petrolina.

— Como sanduíche e o que vier. A única coisa que não vou engolir é buchada de bode. Nem que seja para ganhar a eleição não como buchada — garante.

Campanha começa a pedir dinheiro no fim de maio

A idéia de Freire é começar a pedir contribuições financeiras no fim de maio. Até lá, a estrutura deve permanecer como está. Inclusive porque ele está convencido de que caminham no rumo certo e se diz encantado com a desenvoltura do candidato.

Ciro tem um discurso básico, mas adaptado ao público. A tese central consiste em dizer que o presidente Fernando Henrique Cardoso está acabando com o Plano Real. Segundo Ciro, o Governo sentou em cima da popularidade produzida pela moeda estável e não tomou as medidas subsequentes necessárias para que o país continue sem inflação. Essas medidas, que ele apresenta didaticamente como um professor, seriam, por exemplo, uma reforma tributária que reduziria para cinco o número de impostos. Ou a reforma agrária.

As formas de apresentar as propostas é que mudam. Assim, ele diz, por exemplo que “o Real é bocado comido” ou que as crianças estão cheias de “vermes no bicho”, em entrevista a um programa de rádio popular. Compara a necessidade de privatizar as empresas públicas, à de um casal que, em dificuldades financeiras, se vê forçado a “vender a burrinha”. Manda um abraço para “a galera”, numa emissora dirigida a um público jovem. Ou explica, em linguagem acadêmica a uma platéia de universitários, o que é a globalização e qual o modelo de Estado que tentaria implementar se fosse eleito presidente.

As críticas a Fernando Henrique também são mais ou menos duras, de acordo com os ouvintes. O presidente pode ser um cínico, um oportunista ou um ego-cêntrico. Invariavelmente, Ciro se refere a Fernando Henrique como professor Cardoso e cita sua participação na equipe econômica que implantou o Plano Real.

— Eu sei o que é o Real porque quando Ricupero (o ex-ministro Rubens Ricupero) falou na parabólica, foi a mim que chamaram para segurar o leão pelo rabo e, por isso, fui ministro. ■